



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre

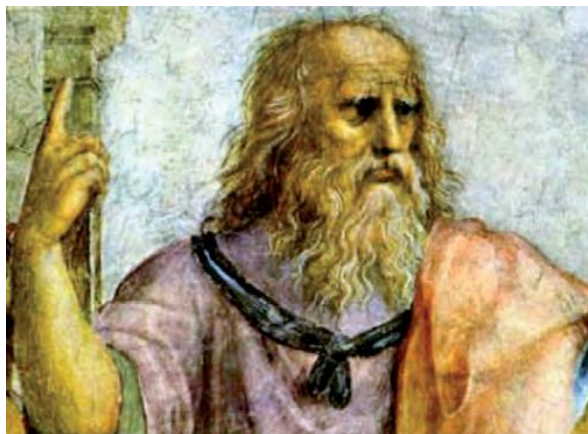


## Situação de Aprendizagem 3 PLÁTÃO E A REPÚBLICA

### 1. Introdução

Platão nasceu em Atenas, provavelmente em 427 a.C. e morreu em 347 a.C. É considerado um dos mais importantes filósofos gregos, e influenciou profundamente a forma de ver o mundo no ocidental. Toda a sua filosofia se fundamentou na divisão do mundo em duas realidades: o das coisas sensíveis (**mundo das ideias** e a inteligência) e das coisas visíveis (seres vivos e a matéria).

Platão procedia de uma família de aristocratas e vangloriava-se dos antepassados. Iniciou seus estudos em filosofia quando tinha vinte e nove anos de idade e conheceu seu mestre Sócrates. Fundou a Academia, uma escola de filosofia com o propósito de recuperar e desenvolver as ideias e pensamentos socráticos. Convidado pelo rei Dionísio, passou um tempo em Siracusa, ensinando filosofia na corte. Voltou para Atenas para administrar a Academia, onde desenvolveu estudos em matemática, ciências, retórica e filosofia. Escreveu importantes e imortais obras, como: *Apologia de Sócrates*, em que valoriza os pensamentos do mestre; *O Banquete*, em que fala sobre o amor de uma forma dialética; e *A República*, em que analisa a política grega, a ética, o funcionamento das cidades, a cidadania e questões sobre a imortalidade da alma. Considerava a política uma decorrência natural da filosofia e acreditava que o poder estava reservado aos sábios. Platão valorizava os métodos de debate e diálogo como formas de alcançar o conhecimento. Para ele, os alunos deveriam descobrir as coisas superando os problemas impostos pela vida e o objetivo maior da educação era o desenvolvimento do homem moral.



Platão deixou influências culturais em todo o Ocidente.

O famoso Mito da Caverna é narrado por Platão no livro VII da *República*. Trata-se de uma metáfora filosófica que já teve várias interpretações, mas possui um sentido universal e profundo que descreve a condição da existência humana. Para o filósofo, todos nós estamos condenados a ver sombras à nossa frente e tomá-las como verdadeiras. Essa poderosa crítica à condição dos homens, escrita há quase 2500 anos atrás, inspirou e ainda inspira inúmeras reflexões. Uma delas é o livro *A Caverna*, do escritor português José Saramago.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



Platão enxergava na humanidade numa condição infeliz. Imaginou os homens todos aprisionados numa caverna e imobilizados, obrigados a olharem sempre a parede em frente. Então o que veriam? O bruxuleio das sombras dos objetos e animais, por conta de uma luminosidade vinda detrás. Assim, os homens acreditavam que as imagens fantasmagóricas que apareciam aos seus olhos (que Platão chama de *ídolos*) eram verdadeiras, tomando o espectro pela realidade. A sua existência era, pois, totalmente dominada pela ignorância (*agnóia*).

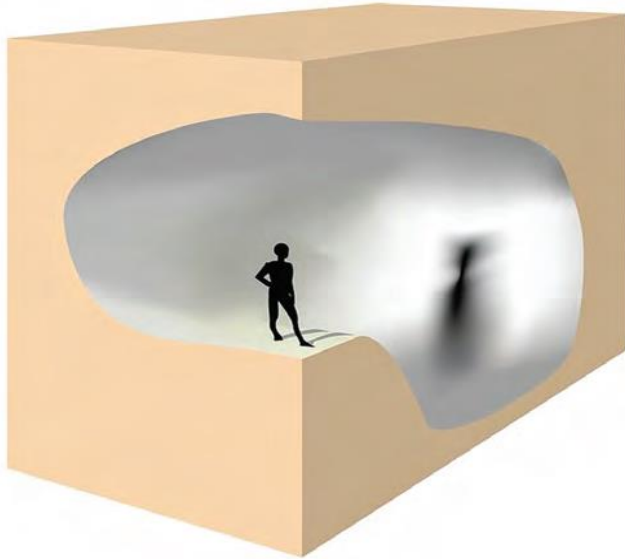


Imagem de Mats Halldin.

O mito da caverna é uma alegoria da condição

## 2. O Mito

Imaginemos uma caverna separada do mundo externo por um muro alto. Entre o muro e o chão da caverna há uma fresta por onde passa um fino feixe de luz exterior, deixando a caverna na obscuridade quase completa. Desde o nascimento, geração após geração, seres humanos encontram-se ali, de costas para a entrada, acorrentados, sem poder mover a cabeça nem se locomover, forçados a olhar apenas a parede do fundo, vivendo sem nunca ter visto o mundo exterior nem a luz do sol, sem jamais ter efetivamente visto uns aos outros, nem a si

mesmos, apenas suas sombras e as dos outros, porque estão no escuro e imobilizados. Abaixo do muro, do lado de dentro da caverna, há um fogo que ilumina vagamente o interior sombrio e faz com que tudo o que se passa do lado de fora seja projetado como sombra nas paredes do fundo da caverna. Do lado de fora, pessoas passam conversando e carregando nos ombros figuras ou imagens de homens, mulheres e animais cujas sombras também são projetadas na parede da caverna, como num teatro de fantoches. Os prisioneiros julgam que as sombras, os sons de suas falas e as imagens que transportam nos ombros são as próprias coisas externas, e que os artefatos projetados são seres vivos que se movem e falam.

Um dos prisioneiros, inconformado com a condição em que se encontra, decide abandonar a caverna. Fabrica um instrumento com o qual quebra os grilhões. De início, move a cabeça, depois o corpo todo; a seguir, avança na direção do muro e a escala. Enfrentando os obstáculos de um caminho íngreme e difícil, sai da caverna. No primeiro instante, fica totalmente cego pela luminosidade do sol, com a qual seus olhos não estão acostumados. Enche-se de dor por causa dos movimentos que seu corpo realiza pela primeira vez e pelo ofuscamento de seus olhos sob a luz externa, muito mais forte do que o fraco brilho do fogo que havia no interior da caverna. Sente-se dividido entre a incredulidade e o deslumbramento.

Ao permanecer no exterior, o prisioneiro, aos poucos, se habitua à luz e começa a ver o mundo. Encanta-se, tem a felicidade de ver a realidade, descobrindo que estivera prisioneiro a vida toda e que em sua prisão vira apenas sombras. Doravante, desejará ficar longe da caverna para sempre e lutará com todas as forças para jamais regressar a ela. No entanto não pode deixar de lastimar a sorte dos outros prisioneiros e, por fim, toma a difícil decisão de regressar ao subterrâneo sombrio para contar aos demais o que viu e convencê-los a se libertarem também.

Só que os demais prisioneiros zombam dele, não acreditando em suas palavras e, se não conseguem silenciá-lo com suas caçoadas, tentam fazê-lo espancando-o. Se mesmo assim ele teima em afirmar o que viu e os convida a sair



da caverna, certamente acabam por matá-lo. Mas quem sabe alguns podem ouvi-lo e, contra a vontade dos demais, também decidir sair da caverna rumo à realidade?

### 3. A República de Platão

Quem nunca construiu em sua mente uma sociedade perfeita, infalível em funcionamento e estrutura? Todos os que almejam mais de si mesmo e do mundo devem ter se rendido à técnica da idealização. Platão faz o mesmo em sua República. Idealiza uma sociedade perfeita, harmônica, simbiótica. Para isso lança mão da alegoria da caverna, que põe em xeque um par de distinções muito ligado à natureza da alma do ser humano: é o par essência e aparência, representadas, respectivamente, pelo mundo inteligível e pelo mundo sensível. Platão utiliza, para desenvolver a dicotomia aparência/ideias, dois mecanismos bastante peculiares e acessórios ao desenvolvimento retórico-filosófico, a saber: a dialética e a alegoria, cuja conceituação se dará a seguir. A dialética é, segundo Platão, o único meio de levar o filósofo até o Bem, já que consiste em estender os limites lógicos das reflexões filosófico-ideológicas. Este “estender” implica submeter o próprio pensamento às opiniões e/ou contradições de outrem, justamente o que acontece n’A República, em que há um constante diálogo entre, por exemplo, Sócrates e Glauco. Já a alegoria representa um papel ainda mais relevante na difusão do axioma filosófico proposto. Conceituada, grosso modo, como um conjunto interligado de metáforas, ela se manifesta de maneira mais relevante no “mito da caverna” (livro VII). Nele, Platão cria dois planos: “a caverna” e “o dia”, cada qual com seus elementos específicos. A caverna, que representa o mundo sensível, composta pelos seguintes elementos: a sombra das marionetes, as marionetes e o fogo (respectivamente representando as sombras do real, a realidade e o Sol). O dia (metáfora do mundo inteligível), por sua vez, também composto por três elementos, sendo eles as sombras e reflexos, a realidade e o Sol (que representam, também respectivamente, as sombras das ideias, as ideias propriamente ditas e o Bem). Construída esta alegoria, Platão ressalta a necessidade de sair da caverna e contemplar o Sol, ou seja, de libertar-se das falsas realidades, conhecer por inteiro as realidades palpáveis, partir em busca das ideias e, finalmente, atingir o Bem. Platão privilegia a filosofia em detrimento da poesia.

O pensamento platônico deixa claro que tornar-se um filósofo não é tarefa das mais fáceis, pois exige o desapego das coisas subjetivas e piegas e exige o direcionamento da atenção fundamentalmente para o mundo inteligível. Se apenas os filósofos podem alcançar este grau absoluto de verdade, conclui-se que só mesmo eles podem orientar os que ainda não conseguiram “sair da caverna e contemplar o Sol”. Desta forma, cabe a eles, na sociedade perfeita de Platão, ocupar o posto de dirigentes, controlando desde os contribuintes para o bem material até os encarregados da proteção e defesa da já mencionada cidade. Por outro lado, o poeta não pode riar ser um constituinte da cidade perfeita, visto que está a três passos da realidade (já que sua produção se espelha na sombra da realidade). Por estar tão distante do mundo inteligível, sua obra nos revela apenas a aparência e apresenta uma descrição, sobretudo dos aspectos trágicos e taciturnos da natureza humana, o que, por conseguinte, corrompe a alma. O poeta, em suma, é duas vezes ilusório, visto que não imita o mundo imanente, e sim apenas o mundo sensível. Isso não quer dizer, contudo, que a poesia deveria ser totalmente descartada. O pensamento platônico impunha que o aprimoramento da educação dos guardiões deveria ser feito através de “ginástica para o corpo e música para a alma”. Desta forma, urgia a necessidade de selecionar o conteúdo das letras das músicas, uma vez que elas poderiam conter apenas parte da verdade. A poesia poderia, sim, ser utilizada com fins educativos, desde que não disseminassem concepções deturpadas da realidade. O próprio filósofo admite a utilidade de poetas como Homero, que exaltou o grego do passado e transmitiu às gerações posteriores um grande exemplo de procedimento que leva ao Bem. Todavia, obras, por exemplo, como a Ilíada, que atribuía aos deuses tanto o bem quanto o mal, deveriam ser terminantemente descartadas. Não obstante a possibilidade de utilização da poesia com fins educativos,



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



Platão deixa transparecer o desejo de substituição da poesia pela filosofia como meio didático, pois somente esta última pode nos revelar, na sua forma dialética, o que são, de fato, as realidades verdadeiras.

(Disponível em: <[www.logosofia.org.br](http://www.logosofia.org.br)>.)



Academia de Platão da Vila de T. Siminus Sephanus, Pompeia (I a.C.)

## 4. Excertos de A República, de Platão

SÓCRATES – Reflete agora sobre o que te vou dizer. Qual é o objeto da pintura? O de representar o que é, tal qual é, ou o que parece, tal qual parece? Imita a aparência ou a realidade?

GLAUCO – A aparência.

SÓCRATES – Logo, a arte de imitar está muito afastada do verdadeiro; e a razão por que faz tantas coisas é que só toma uma pequena parte de cada uma, e esta mesmo não passa de simulacro ou fantasma. Um pintor, por exemplo, pinta um sapateiro, um carpinteiro ou outro artesão qualquer, sem ter nenhum conhecimento de suas respectivas artes. Isso não impede, se é bom pintor, de iludir as crianças e os ignorantes, mostrando-lhes de longe um carpinteiro por ele representado e que tomem por imitação da verdade.

GLAUCO – Sem dúvida.

SÓCRATES – O mesmo se deve entender, meu caro amigo, de todos os que fazem como o pintor. Sempre que alguém nos vier dizer ter encontrado um homem que sabe todos os ofícios e reúne em si, em elevado grau, todos os conhecimentos que se acham repartidos entre muitos, é preciso desenganá-lo, mostrando-lhe que não passa de um tolo por se ter deixado lograr por um imitador ou mágico a quem tomou por sábio, simples mente porque não sabe discernir a ciência da ignorância, a realidade da imitação.

GLAUCO – É a pura verdade.

SÓCRATES – Resta-nos agora considerar a tragédia e Homero, seu criador. Como ouvimos diariamente a certas pessoas que os poetas trágicos entendem muito de todas as artes e ciências humanas que se referem ao vício e à virtude e mesmo com as de natureza divina; visto que a um bom poeta é necessário estar perfeitamente instruído nos assuntos de que trata se quiser versá-lo com êxito que de outra sorte lhe seria impossível, cumpre verificarmos se os que assim falam não se deixam iludir por esta espécie de imitadores; se, vendo-lhes as produções, esqueceram de notar que se afastam três graus da realidade e que, sem conhecer a verdade, é fácil compô-los, visto que não passam,



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



ao cabo, de meros fantasmas sem sombra do real; ou se há algo de sólido no que dizem; e se, realmente, os bons poetas entendem das matérias sobre as quais o comum dos homens pensa que escreveram bem.

(...)

SÓCRATES – A poesia imitativa produz em nós também o amor, a ira e todas as paixões da alma que têm por objetivo o prazer e a dor, influenciando em todas as nossas ações, porque as alimenta e orvalha em vez de dessecá-las; faz-nos mais viciados e infelizes, pelo domínio que dá a estas paixões sobre nossa alma, em vez de mantê-las inteiramente dependentes, o que nos tornaria melhor e mais felizes.

GLAUCO – Tenho de concordar contigo.

SÓCRATES – Assim, pois, caro Glauco, quando encontrares admiradores de Homero a dizer que este poeta instruiu e formou a Grécia e que a gente aprende, lendo-o, a governar-se e a bem conduzir-se nas várias contingências da vida e que o melhor a fazer é pautar os atos por seus preceitos, será de bom conselho acolhê-los com toda a atenção e respeito, como a homens bem-intencionados e virtuosos que são, e admitir que Homero é o maior dos poetas e o primeiro dos trágicos. Mas, ao mesmo tempo, não esqueças que em nossa república só se hão de tolerar como obras poéticas os hinos de louvor dos deuses e os elogios de homens ilustres. Por que assim que aí deres entrada à musa mais voluptuosa da poesia lírica ou épica, desde esse momento o prazer e a dor reinarão no Estado em lugar da lei e da razão, cuja excelência todos os homens reconheceram sempre.

GLAUCO – Nada é mais certo.

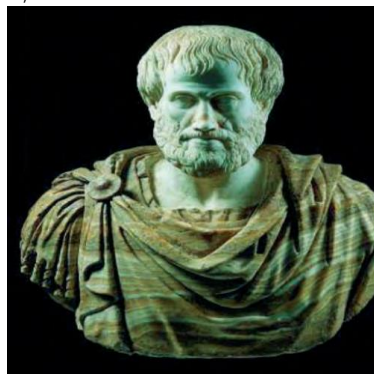
SÓCRATES – Visto que surgiu nova ocasião de falar em poesia, já ouviste o que tenho a dizer sobre o assunto para provar que, sendo o que é, tivemos razão de desterrá-la de uma vez por todas de nossa república; porquanto fora impossível resistir à força dos motivos que a isso nos levaram.

PLATÃO. A República. São Paulo: Livraria e Exposição do Livro, s.d. (p.280-81 e 289)

## Situação de Aprendizagem 4 ARISTÓTELES E O PENSAMENTO LÓGICO

### 1. Introdução

Aristóteles foi um dos mais importantes filósofos gregos e deixou grande rastro na história do pensamento ocidental. Nasceu em 384 a.C., em Estagira, e morreu em 324 a. C. na cidade de Cálcis. Aristóteles é considerado o criador do pensamento lógico. Suas obras influenciaram profundamente a teologia cristã e islâmica. Escreveu uma quantidade enorme de livros, entre eles: Ética a Nicômaco, Política, Arte Poética, Retórica das Paixões, O Homem de Gênio e a Melancolia, De Anima, A Metafísica, e muito mais.



Aristóteles é considerado o criador do pensamento lógico.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



## 2. Filosofia da Natureza

Para Platão, as coisas concretas que se movem são simples aparências, sombras da verdadeira realidade que está no mundo das ideias. Aristóteles critica esse idealismo de seu mestre, e desenvolve uma concepção mais realista ou empirista. Assim, cria uma dualidade: o mundo é feito de matéria (ou substância) e forma. A matéria é passividade, contendo a virtualidade da forma em potência. A forma, por sua vez, é o princípio inteligível, a essência comum a todos os indivíduos de uma mesma espécie. Assim, a coisa comum a todos os seres de uma mesma espécie é a forma e tudo o que é distintivo ou singular é a matéria ou substância. O movimento, portanto, é a atualização da forma realizada pelo ser.

Há uma ontologia aristotélica. Entende-se por ontologia o estudo da natureza do ser (verificar glossário). Para o filósofo, as substâncias interagem de várias maneiras para produzir objetos que diferem em propriedades como quantidade, qualidade, tempo, posição e condição de ação. Assim, Aristóteles criou uma filosofia da natureza, afirmando que a matéria sofre processos de mudança dinâmica e espontânea mediados por princípios estruturais preexistentes. Elaborou assim, uma espécie de hierarquia de existências que começam com os quatro corpos primários: terra, água, fogo, ar, os quais formam substâncias inorgânicas e, depois, os seres vivos: as plantas apresentam as funções de crescimento, nutrição e reprodução; os animais possuem, além dessas, as de sensação, desejo e locomoção; e os seres humanos, a faculdade da razão. Segundo a antropologia aristotélica, o homem pode exercer a suprema atividade que é a obtenção do conhecimento, através de sua alma racional.

## 3. A Metafísica Aristotélica

O sentido da palavra metafísica deve-se a Aristóteles e a Andrônico de Rodes. Aristóteles escreveu sobre temas relacionados à e sobre temas relacionados à ética e à política, entre outros semelhantes. Andrônico, ao organizar os escritos de Aristóteles, o fez de forma que, espacialmente, aqueles que tratavam de temas relacionados à *physis* viessem antes dos outros. Assim, eles vinham além da física (Meta = depois, além; *Physis* = física). Neste sentido, a metafísica é algo intocável, que só existe no mundo das ideias. Assim, Andrônico organizou os escritos de acordo com a classificação dos dois temas. Ética, política etc. são assuntos que não tratam de seres físicos, mas de seres não-físicos existentes apesar da sua imaterialidade. Metafísica, portanto, trata de problemas sobre o propósito e a origem da existência e dos seres. Especulação em torno dos primeiros princípios e das causas primeiras do ser. Metafísica, portanto, pode estar relacionado à reflexão filosófica ou à Teologia.

A metafísica é, segundo o pensamento aristotélico, a filosofia primeira que analisa os métodos e as premissas das filosofias secundárias (as ciências particulares), e ela estuda o ser enquanto ser. Assim, a metafísica analisa abstratamente a noção de realidade. O que define um homem e em que ele se distingue dos animais, por exemplo, é a sua forma universalmente humana e não particularidades materialmente observáveis. Nesse caso, a forma humana é a racionalidade. Em Aristóteles, porém, a razão difere da concepção platônica, pois ela não provém do mundo das ideias, ao contrário, trata-se de uma habilidade e não de uma dimensão espiritual. Assim, o homem não nasce, segundo esse filósofo, com ideias inatas, como pensava Platão.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



## a) Texto Clássico para análise: Política em Aristóteles

Aristóteles começou a escrever suas teorias políticas quando foi preceptor de Alexandre, o Grande. Para Aristóteles, a Política é a ciência mais suprema, à qual as outras ciências estão subordinadas e da qual todas as demais se servem numa cidade. A tarefa da Política é investigar qual a melhor forma de governo e instituições capazes de garantir a felicidade coletiva. Segundo Aristóteles, a pouca experiência da vida torna o estudo da Política supérfluo para os jovens, por regras imprudentes, que só seguem suas paixões. Embora não tenha proposto um modelo de Estado, como seu mestre Platão, Aristóteles foi o primeiro grande sistematizador das coisas públicas. Diferentemente de Platão, Aristóteles faz uma filosofia prática e não ideal e de especulação como seu mestre. O Estado, para Aristóteles, constitui a expressão mais feliz da comunidade em seu vínculo com a natureza. Segundo Aristóteles, assim como é impossível conceber a mão sem o corpo, é impossível conceber o indivíduo sem o Estado. O homem é um animal social e político por natureza. E, se o homem é um animal político, significa que tem necessidade natural de conviver em sociedade, de promover o bem comum e a felicidade. A polis grega encarnada na figura do Estado é uma necessidade humana. O homem que não necessita de viver em sociedade, ou é um deus ou uma besta. Para Aristóteles, toda cidade é uma forma de associação e toda associação se estabelece tendo como finalidade algum bem. A comunidade política forma-se de forma natural pela própria tendência que as pessoas têm de se agruparem. E ninguém pode ter garantido seu próprio bem sem a família e sem alguma forma de governo.

Para Aristóteles, os indivíduos não se associam somente para viver, mas para viver bem. Dos agrupamentos das famílias formam-se as aldeias, do agrupamento das aldeias forma-se a cidade, cuja finalidade é a virtude dos seus cidadãos para o bem comum. A cidade aristotélica deve ser composta por diversas classes, mas quem entrará na categoria de cidadãos livres que podem ser virtuosos são somente três classes superiores: os guerreiros, os magistrados e os sacerdotes. Aristóteles aceita a escravidão e a considera desejável para os que são escravos por natureza. Estes são os incapazes de governar a si mesmos, e, portanto, devem ser governados. Segundo Aristóteles, um cidadão é alguém politicamente ativo e participante da coisa pública. Segundo Aristóteles, sem um mínimo de ócio não se pode ser cidadão.

Assim, o escravo ou uma arte são não se encontra suficientemente livre e com tempo para exercer a cidadania e alcançar a virtude, a qual é incompatível com uma vida mecânica. E os escravos devem trabalhar para o sustento dos cidadãos livres e virtuosos. Aristóteles contesta o comunismo de bens, mulheres e crianças proposto por Platão. Segundo ele, quanto mais comum for uma coisa menos se cuida dela.

Fonte: <http://pt.shvoong.com/law-and-politics>

## b) Texto para reflexão O Pensamento de Aristóteles.

“Mestre dos que sabem”, assim se lhe refere Dante na Divina Comédia. Com Platão, Aristóteles criou o núcleo propulsor de toda a Filosofia posterior. Mais realista do que o seu professor, Aristóteles percorre todos os caminhos do saber: da biologia à metafísica, da psicologia à retórica, da lógica à política, da ética à poesia. Impossível resumir a fecundidade do seu pensamento em todas as áreas. Apenas algumas ideias. A obra aristotélica só se integra na cultura filosófica europeia da Idade Média, através dos árabes, no século XIII, quando é conhecida a versão (orientalizada) de Averróis, o seu mais importante comentarista. Depois, S. Tomás de Aquino vai incorporar muitos passos das suas teses no pensamento cristão.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



A teoria das causas. O conhecimento é o conhecimento das causas – a causa material (aquilo de que uma coisa é feita), a causa formal (aquilo que faz com que uma coisa seja o que é), a causa eficiente (a que transforma a matéria) e a causa final (o objetivo com que a coisa é feita). Todas pressupõem uma causa primeira, uma causa não causada, o motor imóvel do cosmos, a divindade, que é a realidade suprema, a substância plena que determina o movimento e a unidade do universo. Mas, para Aristóteles, a divindade não tem a faculdade da criação do mundo, este existe desde sempre. É a filosofia cristã que vai dar à divindade o poder da Criação.

Aristóteles opõe-se, frequentemente, a Platão e à sua teoria das Ideias. Para o estagirita, não é possível pensar uma coisa sem lhe atribuir uma substância, uma quantidade, uma qualidade, uma atividade, uma passividade, uma posição no tempo e no espaço etc. Há duas espécies de ser: os verdadeiros, que subsistem por si, e os acidentes. Quando se morre, a matéria fica; a forma, o que caracteriza as qualidades particulares das coisas, desaparece. Os objetos sensíveis são constituídos pelo princípio da perfeição (o ato), são enquanto são e pelo princípio da imperfeição (a potência), através do qual se lhes permite a aquisição de novas perfeições. O ato explica a unidade do ser, a potência, a multiplicidade e a mudança.

Aristóteles é o criador da biologia. A sua observação da natureza, sem dispor dos mais elementares meios de investigação (o microscópio, por exemplo), apesar de ter hoje um valor quase só histórico, não deixa de ser extraordinária. O que mais o interessava era a natureza viva. A ele se deve a origem da linguagem técnica das ciências e o princípio da sua sistematização e organização. Tudo se move e existe em círculos concêntricos, tendente a um fim. Todas as coisas se separam em função do lugar próprio que ocupam, determinado pela natureza. Enquanto Platão age no plano das ideias, usando só a razão e mal reparando nas transformações da natureza, Aristóteles interessa-se por estas e pelos processos físicos. Não deixando de se apoiar na razão, o filho de Nicômaco usa também os sentidos. Para Platão, a realidade é o que pensamos. Para Aristóteles, é também o que percebemos ou sentimos. O que vemos na natureza – diz Platão – é o reflexo do que existe no mundo das ideias, ou seja, na alma dos homens. Aristóteles dirá: o que está na alma do homem é apenas o reflexo dos objetos da natureza, a razão está vazia enquanto não sentimos nada. Daí a diferença de estilos: Platão é poético, Aristóteles é pormenorizado, preferindo, porém, o fragmento ao detalhe. Chegaram até nós 47 textos do fundador do Liceu, provavelmente inacabados por serem apontamentos para as lições. Um dos vetores fundamentais do pensamento de Aristóteles é a Lógica, assim chamada posteriormente (ele preferiu sempre a designação de Analítica). A Lógica é a arte de orientar o pensamento nas suas várias direções para impedir o homem de cair no erro. O *Organon* será para sempre um modelo de instrumento científico a serviço da reflexão. O Estado deve ser uma associação de seres iguais procurando uma existência feliz. O fim último do homem é a felicidade. Esta atinge-se quando o homem realiza, devidamente, as suas tarefas, o seu trabalho, na polis, a cidade. A vida da razão é a virtude. Uma pessoa virtuosa a que possui a coragem (não a cobardia, não a audácia), a competência (a eficiência), a qualidade mental (a razão) e a nobreza moral (a ética). O verdadeiro homem virtuoso o que dedica largo espaço à meditação. Mas nem o próprio sábio se pode dedicar, totalmente, à reflexão. O homem é um ser social. O que vive, isoladamente, sempre, ou é um deus ou uma besta. A razão orienta o ser humano para que este evite o excesso ou o defeito (a coragem – não a cobardia ou a temeridade). O homem deve encontrar o meio-termo, o justo meio; deve viver usando, prudentemente, a riqueza; moderadamente, os prazeres, e conhecer, corretamente, o que deve temer.

Também na Poética, o contributo ordenador de Aristóteles será definitivo: ele estabelecerá as características e os fins da tragédia. Uma das suas leis sobre ela estender-se-á, por séculos, a todo o teatro: a regra das três unidades, ação, tempo e lugar. Erros, incorreções, falhas, terá cometido Aristóteles. Alguns são célebres. Na zoologia, por exemplo, considera que o homem tinha oito pares de costelas, não reconhece os ossos do crânio humano (três para o homem, um, circular, para a mulher), supõe que as artérias estão cheias de ar (como, aliás, supunham os médicos gregos), pensa que o homem tem um só pulmão.





# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



Não esqueçamos: Aristóteles classificou e descreveu cerca de quinhentas espécies animais, das quais cinquenta terá dissecado – mas nunca dissecou um ser humano.

A grandeza genial da sua obra não pode ser questionada por tão raros erros, frutos da época – mais de 2 000 anos antes de nós. (Por Orlando Neves – Intelectual português. Adaptado.)

## Situação de Aprendizagem 5 PLATÃO E A EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO

9

“Os ideais de educação formulados por Platão podem ser encontrados em sua maneira mais acabada nos diálogos A República e As Leis, nos quais o filósofo demonstra a importância do processo pedagógico para a constituição de um estado soberano e justo. E é precisamente sobre o tema da Justiça que o primeiro livro da República discorre, no intuito de se estabelecer um conceito que possa ser a base para um projeto educacional”.

Podemos, a partir de este exemplo, compreender que a educação deve ser norteada por valores considerados justos para todos os agentes envolvidos no processo. Por justiça, neste caso, podemos entender a igual oportunidade para todos, em que nenhuma pessoa possa cercear o direito de outro com base na ideia de uma equidade consignada, ou seja, o aspecto de que meu acesso a determinado direito seja condicionado à perda de tal direito por outrem. A questão da educação inclusiva nos rende alguns exemplos de como isso vem acontecendo. Não é justo que deficientes auditivos, por exemplo, fiquem sem acesso à educação formal em instituições de ensino públicas, pois é direito deles, como de todos os outros cidadãos, receberem educação gratuita e de qualidade. Contudo, o que acontece neste caso é que muitas vezes tais educandos com estas necessidades são simplesmente inseridos em sala de aula sem nenhuma forma de reestruturação física ou cognitiva das mesmas. Em muitos casos, os professores, que não receberam preparo adequado para lidar com estas situações de educação inclusiva, acabam se deparando com situações que resultam em um constrangimento para os próprios estudantes. Assim, por mais que os docentes desejem promover a educação inclusiva, ficam impossibilitados pela ausência de um intérprete ou por uma formação em linguagem de sinais, e os próprios alunos não terão acesso, pois não há uma porta que possibilite a comunicação plena entre mestres e discentes. Fez-se a inclusão de maneira injusta, e o escopo disto é que não se promoveu o acesso à educação.

Ulteriormente, Platão acredita que a educação deva começar muito cedo na vida das pessoas, e que se desenvolva, sobretudo, em torno de um treinamento físico adequado. Evitar os excessos da alimentação e preparar o corpo físico nos moldes da educação espartana era o caminho para o desenvolvimento de uma população saudável, aspecto imprescindível para a estruturação de um estado com alto nível de bem-estar social. Neste caso, analisando os dias atuais, é comum observar a desmedida que pode ocasionar vícios, ou seja, é comum encontrar pessoas que não praticam atividade física nenhuma – a grande maioria da população –, e uma pequena fração que vive apenas para a academia, ambos equivocados. No âmbito da educação, é normal observar nas instituições de ensino que o espaço destinado para a prática de educação física muitas vezes se limita a uma quadra de cimento rústica comprimida entre muros ou paredes das salas de aula. Gerações inteiras de jovens cresceram e crescem sem nunca praticarem atletismo, natação, e outros esportes que podem desenvolver as habilidades físicas e o fortalecimento do corpo. Aqueles pais que não possuem condições de proporcionar o acesso a academias particulares ou colégios com boas condições estruturais para seus filhos, os enxergarão desenvolverem-se apenas sob a prática massiva de futsal ou vôlei. Platão ainda alerta para o fato de que os jovens recebam uma boa educação musical para que possam potencializar sua sensibilidade e criatividade. Novamente, hoje, aqueles que não podem pagar por um serviço



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



particular para fornecer educação musical aos filhos, observam a prole crescer embalada pelos ritmos musicais da pior manifestação cultural musical da história da civilização, fruto da indústria cultural de massa.

Platão escreveu sobre isto há cerca de 2400 anos, e talvez estejamos a esperar outros 2400 anos para ouvir os conselhos de um homem sábio. Pena “que não tenho certeza de que haverá alguém ainda para ser educado quando a civilização chegar lá.” (Por Maurício Fernando Bozatski - Mestre em Filosofia. Coordenador do Curso de Filosofia da Faculdade Sant’Ana. Professor do SESI e da SEED/PR e escritor)

10

## a) Revolução da Alma, texto de Aristóteles

“Ninguém é dono da sua felicidade, por isso não entregues a tua alegria, a tua paz, a tua vida, nas mãos de ninguém, absolutamente de ninguém. Somos livres, não pertencemos a ninguém e não podemos querer ser donos dos desejos, da vontade ou dos sonhos de quem quer que seja. A razão da tua vida és tu mesmo. A tua paz interior é a tua meta de vida. Quando sentires um vazio na alma, quando acreditares que ainda está faltando algo, mesmo tendo tudo, remete o teu pensamento para os teus desejos mais íntimos e busca a divindade que existe em ti. Para de colocar a tua felicidade, cada dia, mais distante de ti. Não coloques objetivos longe demais de tuas mãos, abraça os que estão ao teu alcance, hoje. Se andas desesperado por problemas financeiros, amorosos ou de relacionamentos familiares... busca no teu interior a resposta para te acalmares, tu és o reflexo do que pensas diariamente. Para de pensar mal de ti mesmo e sê teu melhor amigo, sempre. Sorrir significa aprovar, aceitar, felicitar. Então, abre um sorriso para aprovar o mundo que te quer oferecer o melhor. Com um sorriso no rosto, as pessoas terão as melhores impressões de ti e tu estarás afirmando para ti mesmo que estás ‘pronto’ para ser feliz. Trabalha, trabalha muito a teu favor. Para de esperar a felicidade sem esforços. Para de exigir das pessoas aquilo que nem tu conquistaste, ainda. Critica menos, trabalha mais. E não te esqueças, nunca, de agradecer. Agradece tudo que está na tua vida neste momento, inclusive a dor. A nossa compreensão do universo ainda é muito pequena para julgar o que quer que seja na nossa vida.”

## Glossário

**Ontologia:** Conforme o dicionário Aurélio, “ontologia” é a “parte da filosofia que trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres (...)”. Tendo-se em conta que “onto”, do grego, significa indivíduo ou ser, e “logia” comumente significa estudo, tem-se que “ontologia” vem a ser o estudo investigativo e comparativo do indivíduo – aqui tido como exemplar da espécie humana – frente aos demais seres vivos, passando pela sua concepção, criação, evolução e extinção. Busca, portanto, o conhecimento profundo acerca da natureza do ser humano, levando em conta os aspectos fisiológicos e espirituais, confrontando-os com aqueles que caracterizam e distinguem os demais seres vivos.

## BIBLIOGRAFIA E SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO

ARANHA, MARIA L. A. *Filosofando – introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2010.

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco* in *Aristóteles – Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



## Exercícios de Fixação

1. (UFU) – “Todo aquele que ama o saber conhece por experiência que, quando a filosofia toma conta de uma alma, vai encontrá-la prisioneira do seu corpo, totalmente grudada a ele. Vê que, impelida a observar os seres, não em si e por si, mas por meio desse seu caráter, paira por isso na mais completa ignorância. Mas mais se dá ainda conta do absurdo de tal prisão: é que ela não tem outra razão de ser senão o desejo do próprio prisioneiro, que é assim levado a colaborar, da maneira mais segura, no seu próprio encarceramento”. Platão, *Fédon*. Trad. Maria Tereza S. de Azevedo. Brasília: UnB, 2000, p. 66. Após analisar o texto acima, assinale a alternativa correta:
- A ignorância é fruto da observação do que é em si e por si.
  - A filosofia para Platão é inata, não sendo necessário nenhum esforço de quem a ela se dedica para obtê-la.
  - A alma encontra-se prisioneira do corpo por desejo do próprio homem.
  - A alma do filósofo encontra-se desde o início liberta dos entraves do corpo, como demonstram, claramente, a Alegoria da Caverna e o texto acima.
2. (UFU) – “Mas quem fosse inteligente (...) lembrar-se-ia de que as perturbações visuais são duplas, e por dupla causa, da passagem da luz à sombra, e da sombra à luz. Se compreendesse que isso se passa com a alma, quando visse alguma perturbada e incapaz de ver, não riria sem razão, mas repararia se ela não estaria antes ofuscada por falta de hábito, por vir de uma vida mais luminosa, ou se, por vir de uma maior ignorância a uma luz mais brilhante, não estaria deslumbrada por reflexos demasiadamente refulgentes [brilhantes]; à primeira, deveria felicitar pelas suas condições e pelo seu gênero de vida; da segunda, ter compaixão e, se quisesse trocar dela, seria menos risível esta zombaria do que aquela que descia do mundo luminoso.” (A República, 518 a-b, trad. Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.). Sobre esse trecho do livro VII de A República de Platão, é correto afirmar.
- A condição de quem vive nas sombras é digna de compaixão.
  - O filósofo, sendo aquele que passa da luz à sombra, não tem problemas em retornar às sombras.
  - O trecho estabelece uma relação entre o mundo visível e o inteligível, fundada em uma comparação entre o olho e a alma.
  - No trecho, é afirmado que o conhecimento não necessita de educação, pois quem se encontraria nas sombras facilmente se acostumaria à luz.

Marque a alternativa que contém todas as afirmações corretas.

- II e III
- I e IV
- I e III
- II e IV
- II e IV



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



3. (UFU) – A Alegoria da Caverna de Platão, além de ser um texto de teoria do conhecimento, é também um texto político. No sentido político, é correto afirmar que Platão sustentava:
- um modelo monárquico, cujo governo deveria ser exercido por um filósofo e cujo poder deveria ser absoluto, centralizador e hereditário.
  - aristocrático, baseado na riqueza e que representava os interesses dos comerciantes e nobres atenienses, por serem eles os mecenas das artes, das letras e da filosofia.
  - democrático, baseado, principalmente, na experiência política de governo da época de Péricles.
  - aristocrático, cujo governo deveria ser confiado aos melhores em inteligência e em conduta ética.
4. Leia, abaixo, o trecho de Platão, extraído da *Apologia de Sócrates*.
- "(...) descobrem uma multidão de pessoas que supõem saber alguma coisa, mas que na verdade pouco ou nada sabem. (...) e afirmam que existe um tal Sócrates (...) que corrompe a juventude. Quando se lhes pergunta por quais atos ou ensinamentos, não têm o que responder; não sabem, mas para não mostrar seu embaraço apresentam aquelas acusações que repetem contra todos os que filosofam: 'as coisas do céu e o que há sob a terra; o não crer nos deuses; fazer prevalecer o discurso e a razão mais fraca'. Isso porque não querem dizer a verdade: terem dado prova de que fingem saber, mas nada sabem."* *Apologia*, 23. Nessas palavras,
- Platão acusa Sócrates de corromper a juventude.
  - Platão afirma que Sócrates não tem o que responder quando acusado de corromper a juventude.
  - Platão defende Sócrates, afirmando a inconsistência das acusações que lhe fazem.
  - Platão revela-se opositor das ideias socráticas.
  - Platão afirma que Sócrates faz prevalecer o discurso, mas com a razão fraca.
5. Assinale a única alternativa **errada** sobre a filosofia aristotélica.
- Há uma ontologia aristotélica. Entende-se por ontologia o estudo da natureza do ser (verificar glossário).
  - Para o filósofo, as substâncias interagem de várias maneiras para produzir objetos que diferem em propriedades como quantidade, qualidade, tempo, posição e condição de ação.
  - Aristóteles criou uma filosofia da natureza, afirmando que a matéria sofre processos de mudança dinâmica e espontânea mediados por princípios estruturais preexistentes.
  - Aristóteles elaborou uma espécie de hierarquia de existências que começam com os quatro corpos primários: terra, água, fogo, ar, os quais formam substâncias inorgânicas e, depois, os seres vivos: as plantas apresentam as funções de crescimento, nutrição e reprodução; os animais possuem, além dessas, as de sensação, desejo e locomoção; e os seres humanos, a faculdade da razão.
  - Segundo a antropologia aristotélica, o homem pode exercer a suprema atividade, que é a obtenção do conhecimento, por meio de sua alma racional. Essa alma tem natureza transcendente, assim, a razão provém de um mundo sobrenatural. Aristóteles foi um pensador racionalista.
6. "O verdadeiro discípulo é aquele que consegue superar o mestre." Considerando a relação mestre-discípulo e os pensamentos que expressou em discordância com seus mestres, pode-se deduzir que essas palavras são de:
- Platão
  - Sócrates
  - Aristóteles
  - Tomás de Aquino
  - Averróis



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



7. Assinale a única alternativa correta com relação à vida de Aristóteles e ao pensamento aristotélico
- Aristóteles começou a escrever suas teorias políticas quando foi preceptor de Pedro, "O Grande".
  - Para Aristóteles, a Política é a ciência mais suprema, à qual as outras ciências estão subordinadas e da qual todas as demais se servem numa cidade.
  - A tarefa da Política é investigar qual a melhor forma de governo e instituições capazes de assegurar a ordem coletiva. Nesse sentido, expressou um pensamento político autoritário.
  - Segundo Aristóteles, a grande experiência de vida torna o estudo da Política supérfluo para os jovens, pois estes seguem regras imprudentes, baseadas apenas em suas razões.
  - Há uma natureza única no Universo, que expressa a realidade divina e transcendente.
8. Leia o texto "*Platão e a educação*" e assinale a alternativa que o completa corretamente. Para Platão, as coisas concretas que se movem são simples aparências, sombras da verdadeira realidade que está no mundo das ideias. Aristóteles:
- critica esse idealismo de seu mestre, e desenvolve uma concepção mais realista ou empirista.
  - concorda perfeitamente com seu mestre, tendo-se tornado o principal expositor da filosofia platônica.
  - concorda parcialmente com a concepção de seu mestre, tendo elaborado uma filosofia mais mística se comparada à de Platão.
  - critica radicalmente seu mestre, tendo sido expulso da Academia e sendo relegado na história do pensamento, com mínima influência até o fim da Idade Média.
  - concorda com a posição de seu mestre, mas discorda num único ponto, pois Aristóteles crê que a origem da razão está no mundo das ideias, numa realidade mais transcendente.
9. (ENEM) – A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delfos "das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos". Todos estes atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre essas a melhor, nós a identificamos como felicidade. ARISTOTELES. **A Política**. São Paulo: *Cia das Letras*, 2010. Ao reconhecer na felicidade a reunião dos mais excelentes atributos, Aristoteles a identifica como:
- busca por bens materiais e títulos de nobreza.
  - plenitude espiritual e ascese pessoal.
  - finalidade das ações e condutas humanas.
  - conhecimento de verdades imutáveis e perfeitas.
  - expressão do sucesso individual e reconhecimento público.



# APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

1º ano – Ensino Médio - 2º bimestre



10. Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de conhecimento é um objeto de razão e não de sensação, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente. M. Zingano. *Platão e Aristóteles: o fascínio da filosofia*. São Paulo: Odysseus, 2012 (adaptado). O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427 a.C.-346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?
- Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.
  - Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.
  - Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.
  - Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.
  - Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

14

*Professor Leandro Andrade da Rocha*



Website

[www.cogitomagister.blogspot.com](http://www.cogitomagister.blogspot.com)



[leoandrerocha@hotmail.com](mailto:leoandrerocha@hotmail.com)



@msleandrorocha



LeandroChamberlain